

# Lar, doce lar

## Casa de acolhimento em Recife acolhe bebês em vulnerabilidade social

**A**colher bebês e crianças abandonadas ou em situações de risco é um trabalho bastante peculiar, que requer muita dedicação, recursos e paciência. É isso o que faz a Associação Lar do Nenen, uma casa de acolhimento temporário que atende à população de Recife/PE e Região Metropolitana. Com um grande corpo de voluntários, a Associação tem capacidade para manter integralmente 20 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses e desenvolve um programa de integração com as famílias. As crianças chegam por meio do Conselho Tutelar ou da Vara de Infância.

O objetivo principal dessa casa é fazer com que as crianças retiradas de suas famílias voltem para seus lares, um direito que é assegurado pelo art. 19 do capítulo II do Estatuto da Criança e do Adolescente: “ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta.” Quando não há condições de se manter a

criança com a família, a justiça determina que ela fique à disposição para adoção. Segundo a presidente da instituição, Augusta Matta, até hoje, nenhuma criança que esteve na casa precisou ir para abrigos após atingir o limite de idade de 3 anos e 11 meses: todas foram reintegradas ou adotadas.

Para alcançar seus objetivos, além de fazer o acolhimento temporário, a Associação Lar do Nenen realiza também um trabalho de acompanhamento familiar para conhecer as condições em que a criança vivia. As mães passam a frequentar a casa - que paga a passagem de ônibus e oferece lanche - para que elas possam ter um convívio saudável com os filhos. As psicólogas e assistentes sociais desenvolvem um trabalho de grupo com as mães ou parentes, para compor o relatório que irá para a Vara de Justiça e que será lido pelo juiz quando houver a audiência de decisão da guarda da criança.



### Casa pioneira

A Associação Lar do Nenen é uma das casas de acolhimento mais antigas de Recife. Ela foi fundada em 1978 e oficializada em 13 de fevereiro daquele ano. Um grupo de senhoras voluntárias da alta sociedade, interessadas na adoção de crianças, sentiu a necessidade de criar um local para abrigar os bebês e crianças da região que seriam adotados. Na época, havia muitos casos de gravidez indesejada, e as mães as procuravam, por vontade própria, para garantir que ficariam com a criança assim que ela nascesse.

O Lar do Nenen responsabilizava-se pelo processo de adoção, fazia assistência à gestante até o nascimento ou a adoção e acolhia poucas crianças. “Muitas jovens que não queriam dar prosseguimento à gravidez, quando ficavam sabendo da existência



Eventualmente, os bebês do Lar do Nenen participam de passeios

do Lar do Nenen, iam até lá, e se aconselhavam”, lembra a suplente da Diretoria, Inêz Leitão de Lemos.

Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, as crianças que tivessem seus direitos violados ou se encontrassem gravemente ameaçadas passavam a ser enviadas para o Lar pela justiça. A Vara da Infância assumiu o papel de julgar e determinar o futuro da criança e instituiu que a casa deveria ter uma cuidadora responsável para cada cinco menores.

“Há dez anos, o Lar mal tinha leite, mas com o tempo as coisas foram melhorando”, explica a diretora financeira, Tuti Moury Fernandes. Hoje, a casa usufrui de amplo reconhecimento na região e conta com a ajuda de parceiros importantes para desenvolver seu trabalho, que visa também à reestruturação de lares com algum tipo de proble-

ma. Esse trabalho, chamado *Todas as crianças são crianças de todos*, rendeu no ano passado o apoio por dois anos do Criança Esperança, um projeto da Rede Globo em parceria com a UNESCO.

#### Lar de voluntários

Quatro pessoas formam a diretoria da instituição: além de Augusta, Inêz e Tuti, há a diretora administrativa, Ana Veiga. Todo o cotidiano da casa acolhedora funciona em torno do trabalho de voluntariado, que inclui os ofícios das diretoras e das duas coordenadoras dos voluntários, Sandra e Eva. Mais outros 40 voluntários se revezam em tarefas diferentes todos os dias da semana, com as crianças, famílias, comunidade e no bazar da Associação.

Há um grande comprometimento com o serviço prestado. “Ser voluntário aqui é o mesmo que um emprego, é uma responsabili-

de”, explica Sandra. Por prestar um serviço público, quem quiser ajudar no Lar do Nenen deve procurar uma rede de voluntários e passar por uma capacitação. Depois a pessoa é encaminhada à instituição para conhecer a metodologia e, por último, deve se comprometer a cumprir o horário pré-determinado, pois, na rotina da casa, os voluntários substituem os funcionários. Todos os que assumem funções necessitam estar devidamente cadastrados para a prestação de contas ao Ministério da Justiça.

A responsabilidade de cuidar das crianças é bastante trabalhosa pelo fato de elas terem grande carência afetiva e emocional. A maior parte delas está no abrigo por abandono ou violência doméstica. Assim, muitas apresentam problemas na alimentação, dificuldades para dormir e ainda algumas doenças. Para auxiliar, o Instituto de Medicina Integral,



Voluntários realizam atividades diversas com as crianças

o Imp, disponibiliza uma médica para fazer o plantão dentro do Lar e cuidar dos acolhidos. E, para estimular as crianças, ajudando-as a superar o abandono ou a violência sofrida, os voluntários fazem atividades de recreação e compartilham carinho. “Eu senti a necessidade de compartilhar carinho, ternura, e as crianças aqui são muito amáveis”, diz a voluntária Fátima Viana.

### O sonho

“Nosso sonho é que um parceiro nos doe um terreno para que possamos construir o espaço próprio do Lar do Nenen”, diz Inêz. A casa em que se localiza a instituição é própria, porém foi necessário ampliar o espaço e alugar a casa vizinha. Com as vendas do bazar, paga-se essa despesa, mas é um local que não está em boas condições e necessita frequentemente de reparos.

No local alugado é que acontecem as oficinas de que as mães participam. Portanto, há um intenso movimento, que requer constante investimento de recursos, para consertar o telhado, por exemplo, em época de chuvas, e fazer outros pequenos consertos que vão se acumulando e gerando gastos que pesam no orçamento. “Investimos aqui só o que é necessário”, explica a presidente.

Embora o Lar já tenha parceiros importantes, que possibilitam o desenvolvimento dos projetos, e a Diretoria esteja constantemente em busca de mais ajuda, ainda não existe previsão de um local próprio. A casa alugada pode ter de ser devolvida a qualquer momento, pois o proprietário pretende erguer um prédio no local. Este seria o momento oportuno de a instituição contar com mais um ato voluntário, que seria também a realiza-

ção do sonho da única casa em Recife que acolhe bebês de 0 a 3 anos e 11 meses.

### Auxílio às mães

“O nosso objetivo maior é dar assistência à família, para que ela receba de volta a criança”, conta Augusta. Para tornar isso uma realidade, foram criadas algumas oficinas que também visam à capacitação, ainda que pequena, das mães e das famílias. Elas fazem trabalhos de costura, artesanato e têm aulas de português e matemática básicos, além de lições de cidadania.

Há também grande incentivo para que as famílias resolvam possíveis conflitos existentes em casa. Em alguns casos, as mães têm filhos mais velhos que as crianças que estão na casa de acolhimento, e são incentivadas a colocá-los em creches e escolas, ou, se eles estão ten-





Apoio do Criança Esperança permitiu a instalação de câmeras de segurança nos berçários

do problemas no colégio em que estudam, são estimuladas a mandá-los para um ambiente novo. Em outros, os filhos adolescentes começam a dar trabalho dentro de casa, e a Associação estimula a procura por instituições sociais que trabalhem com esses jovens.

Pode acontecer também de a mãe ter abandonado a escola durante a juventude e, após o auxílio do Lar, sentir o desejo de voltar a estudar, mas se sentir incapacitada ou limitada pela falta de opções. Nesses casos, as assistentes sociais visitam a comunidade a que pertence a mãe e procuram por escolas ou cursos, na região, que atendam às suas necessidades.

Todo esse trabalho é feito por pedagogas, assistentes sociais e psicólogos, que em muitos casos conseguem que a justiça reintegre as crianças a suas fa-

mílias. No entanto, o início desse processo não é fácil. Segundo a suplente da Diretoria, alguns familiares, quando avisados de que a criança está no Lar, ficam com raiva da instituição e creem que foi ela quem tirou o bebê de sua família. “Na verdade, nós as acolhemos, somos como guardiãs dessas crianças”, defende Inêz.

É a própria justiça quem decide se o responsável poderá ver a criança na casa de acolhimento ou não. Em caso afirmativo, começa-se o trabalho de monitoramento psicológico, com o auxílio das voluntárias, que contam histórias de vida para esse grupo de mães, a fim de fazer com que elas compartilhem seus problemas. Simultaneamente, acontecem as visitas domiciliares, as assistentes sociais conversam com os vizinhos e procuram saber das condições em que a criança estava vivendo.

### Parceria bem-vinda

O apoio do Criança Esperança permitiu um grande investimento em infraestrutura e contribuiu com o pagamento dos poucos funcionários remunerados que o Lar mantém. Também foi com esse apoio que a casa pôde comprar diferentes tipos de leite, incluindo os mais caros, pois algumas crianças são alérgicas ao leite de vaca, ou muito novas para tomá-lo.

Além de ter participação também no trabalho que é feito com as mães, a parceria com o Criança Esperança ainda está dando a oportunidade de adquirir itens que seriam impossíveis apenas com o orçamento anual da casa, como a instalação de câmeras nos berçários. “Já há um gasto muito grande com remédios, em especial, porque são caros, e com alimentação. Não teríamos como tirar o dinheiro desses gastos para aplicar nas câmeras”, explica Tuti. ■